

A morte passou por aqui.

Pseudónimo: Miguel Cacimbo

A liberdade de uma casa vazia permite que as teias de aranha e o pó tomem controlo de tudo que um dia foi teu. Os sapatos de pano velho pousados no chão de madeira torto, ao lado de uma cama feita de lençóis lavados, nunca mais foram calçados. A roupa do dia seguinte dobrada em cima da cadeira, onde ninguém se pode sentar devido à sua perna torta, espera por ti como a deixaste.

A mãe do meu avô morreu no dia de anos dele. Ela vendia fruta. A minha avó acabou com as dúzias de treze. O meu avô disse adeus à rainha de Inglaterra porque a escola o obrigou, mas apenas viu o carro dela, porque pobres não são pessoas, são peões. Quando o sonho quebrou ouviam-se vidros a partir silenciosamente através das asas negras de fantasia. Porém, quando o tio da minha avó a pôs debaixo de água, ela aprendeu a nadar e para sempre teve medo do mar. Num dia perdido no tempo quando estava quente e eu não sabia nada, fui até uma laranjeira e caí, a brisa do espírito da árvore abraçou-me e eu não voltei a voar. Juntas víamos os sinais todos os dias, mas hoje que me sento aqui sozinha é a primeira vez que os vejo. Altos e estranhos com características vulgares escondidas a olho cru que não se cheiram. Quando chove os chapéus de chuva murcham e pelos lixos cheios, sei que as pessoas que os deixaram se molharam. Sei todas estas coisas, mas não sei porque é que não limpam a casa.

Porque é que me encontro sozinha nesta casa livre de pessoas, onde as rachas tomaram conta de tudo, onde a luz parece não querer entrar. Porque é que não fico triste na ausência do teu sorriso? A última vez que te vi, pediste-me que fosse contigo apanhar limões, mas eu disse que não, porque estava demasiado ocupada. Hoje que tenho tanto que fazer, estaria sempre livre para te ajudar.

Deambulo pela casa que agora não tem significado, não está vazia porque ninguém tem coragem de eliminar a tua presença deste mundo, não sabem eles que desde aquela manhã que estás desaparecida? Já não és, não existes. É

como se fizesses parte de uma ilusão ou de uma viagem febril que nunca aconteceu. A tua roupa passada a ferro está à tua espera, mas eu não.

Só quando foste trabalhar, quando ainda eras uma criança é que descobriste que fazias anos em janeiro. Toda a tua vida te tinham dado os parabéns, com sandes de pão dos pobres entre uma fatia fina de pão dos ricos, em setembro. Não sabias tu que todos esperavam a tua morte e que, por isso, só te registaram mais tarde, podias não valer a pena, ou então, a miséria era em demasia.

No Ano Novo partias um prato atrás da porta para ter boa sorte, mas isso foi algo muito escasso na tua vida, tal como o dinheiro e a saúde. Lembro-me de um cacho de uvas que tinha ficado esquecido na videira em novembro, lembro-me da máquina de barbear do meu avô, mas não me lembro da tua voz.

Pinto-me de todas as cores, mas mesmo assim tu não me vês. Andas por aí, não sei bem por onde. O teu corpo está no cemitério, mas de ti não sei nada. Não quero que me vejas a chorar, mas quero tanto que me vejas a chorar, porque só consigo olhar para ti através do reflexo de um vidro partido. Tenho os teus olhos, mas não teu espírito. Este sentimento sem boca não me deixa viver e a culpa é tua.

A notícia chegou quando estava a dormir, a minha mãe olhou para mim e não precisou de dizer nada, todos sabíamos que as flores tinham secado. Morreste dia 20, antes de conhecer a liberdade, será que hoje és livre?

Quando o homem foi à lua o meu avô estava na guerra e abriram latas especiais de linguiça que a namorada de um dos seus camaradas enviara. Fizeram uma fogueira e beberam cerveja. Esta namorada escreveu cábulas na perna para saber quais os pedais quando tirou a carta. Se é mentira não sei, mas que me contaste é verdade.

Um dia foste a uma manifestação sem identificação com outra pessoa, cujo nome não me recordo. Um polícia à paisana apareceu e pediu-vos a identificação, quase foste presa nesse dia, mas tiveram sorte porque um homem perto de vocês começou a tentar roubar um carro e o polícia foi embora.

Contavas-me que apareceram mais polícias que o espancaram e depois o levaram num carro. Desde esse dia nunca mais andaste sem identificação.

A tua mãe não te deixava passar a estrada com as tuas irmãs num tempo onde quase não havia carros. Vocês faziam-no à mesma, descalças e cheias de medo. Tomavam conta dos bebés, punham-nos tapados no seu lugar e antes de chegar algum adulto secavam o seu suor ao vento, muitos morriam, mas não era disso.

Eu gostava de vestir as tuas camisas de dormir e ir ao mercado com elas como se fosse uma senhora rica, imaginava as joias e os sapatos sofisticados. Compravas-me um bolo e bebíamos chá ao lado da janela grande que radiava as partículas de pó através da luz que dividia a casa ao meio. Estava sempre quente, mesmo no inverno porque ríamos juntas sem motivo. Mas isto foi no tempo quando a luz entrava na casa, as tuas camisas não tinham sido comidas pelas traças e os limões que apanhaste sozinha estavam frescos.

Odeio-te por ter tantas histórias tuas de quando eu não existia e de não ter suficientes contigo. Agora existo sem ti porque decidiste ir para um lugar onde não te posso seguir. Tive tanta sorte em ter uma melhor amiga de alma, uma pessoa que me compreendia, mesmo quando não me percebia e tive tanto azar que essa pessoa fosses tu, porque agora não existes.

Um dia estavas escondida em cima de uma cerejeira e eu deambulava perto de ti com os nossos cães. Assustaste-me tanto, que tanto eu como os nossos cães de guarda, corremos para casa com o rabo entre as pernas. Como rias.

Nestes dias o mundo muda para sempre. A vida altera-se de forma irreversível e o que era, passa a ser. Nestes dias, uns olham para si e não se mexem, o tempo não passa, limita-se a ficar no seu lugar dolorosamente congelado. Tudo o que foi uma vez partilhado passa a ser individual. Agora é apenas meu e já não é nosso. Já não se pode falar, pois ninguém quer ouvir histórias que já não pertencem a ninguém. Aqui sentada na tua cama de lençóis já não tão lavados por causa do tempo que passaram sem ti, não esqueço e

pergunto-me se eles se lembram de ti, porque o teu nome desapareceu das nossas conversas passado algum tempo da tua partida.

Estas memórias são aquelas que quero gritar a plenos pulmões, mas que se o fizesse ninguém me ouviria, porque esta saudade de um momento de fantasia não passa de algo que apenas eu vivi contigo e já não me lembro se foi real.

Quando davas o comer aos cães eu ajudava-te e as duas cantávamos. Cantávamos músicas que não existem com melodias inventadas. Dançávamos danças que jurávamos ser as melhores. Às vezes ligavas a telefonia e ouvíamos notícias, nunca eram boas, nem verdadeiras. Cinco dias depois de partires quando liguei a telefonia para tentar apagar a saudade que sentia por ti, começou a revolução.

A mudança do nosso mundo acontece apenas através destes momentos simultaneamente rápidos e lentos, são momentos descombinados que nos alteram o rumo daquilo que julgávamos e juraríamos querer para sempre. A vida é uma inconstante cruel, mas ao mesmo tempo é esta inconsistência que nos salva. Somos feitos de rituais e regras para tentarmos fugir ao inevitável, para nos distrairmos, mas todos murchamos como os limões que apanhaste no último dia da tua vida.

Se algum dia alguém conseguir escrever o que sente e através do papel representar um sentimento, espero que esse sentimento seja o amor. O amor profundo e verdadeiro para que todos saibam como é maravilhoso mergulhar nessa emoção e para que todos saibam o que realmente é o amor, pois sem ti já não sei se o sinto. Se algum dia alguém escrever o que é o amor, espero senti-lo através daquelas palavras nunca lidas e voltar a sentir-te como se nunca me tivesses deixado magoada e sem ar.

Tudo o que escrevo são palavras que já não me pertencem, quando as releio não me soam a minhas, mas a outras, porque aquilo que escrevi pertence agora a outra pessoa. São um pouco de mim, mas que não são eu. São uma parte da minha alma que apenas existiu naquele momento e que por aí ficou, tal como tu. Porque ao escrever o que tu foste para mim, enjaulo uma parte da

nossa vida que existia e que se eu não a tivesse escrito limitar-se-ia a desaparecer para sempre sem sequer uma amostra da sua existência. Tal como tu.

A água estava quente quando fomos à praia pela última vez. Tu não entraste porque tinhas medo, mas eu molhei-te com um balde e tu riste. Porque eras assim, simples e feliz. Quantas vezes pus a mesa a contar contigo quando já não estavas?

Desde esse tempo até agora o teu jardim secou e o limoeiro morreu. Ensinaste-me a andar de bicicleta, a correr e a acreditar. Por momentos esqueci-me de tudo isto e fiquei parada, sem saber como sair do buraco onde me deixaste. Senti raiva, eras o amor da minha vida e tinhas-me traído da pior maneira possível.

Outro dia estávamos em casa e por motivos desconhecidos tinham aparecido milhares de formigas durante a noite. Primeiro ficámos chateadas e enojadas, mas depressa começamos a rir, porque todos os móveis que movíamos tinham vidros que se partiam. Quando se partiu o primeiro vaso ao mover a telefonia assustámo-nos e irritámo-nos mais, mas quando depois de usar os nossos quatro olhos para ver se havia alguma coisa que pudesse cair ao mover a pequena cômoda, onde guardavas os panos da cozinha, e se partiu um copo, rimos até cair no chão. Porque naquele momento tínhamos jurado que não havia nada, mas lá estava o copo invisível. Pode ser que esse copo seja como tu.

A tua casa livre encontra-se agora em liberdade, foi vendida e tudo o que era teu foi doado ou deitado ao lixo. O chão continua torto, mas agora vê-se o verniz que tínhamos entornado juntas e que nunca tentamos limpar com seriedade. Na moldura da porta, lá estão marcadas as minhas diferentes alturas e a tua, porque te pedi que o fizesses também. Na parede na cozinha, num canto onde os azulejos tinham caído, lá estão as marcas das nossas mãos que pintámos quando tentaste disfarçar a falha. No teto estão as manchas dos bocados de papel que besuntávamos com diversos líquidos grossos para ver

qual se colava mais tempo. A última vez que vi a tua casa, já não era nossa e quando fechei a porta para nunca mais a voltar a abrir, a luz parecia ter voltado.

Desculpa-me, por demorar tanto tempo a perdoar algo que nunca fizeste. Tu nunca te chateavas comigo. Desculpa ter sido ruim todos aqueles dias de birras cansadas. A morte passou por aqui e por momentos fez-me esquecer o importante, porque me queria proteger de viver num mundo sem ti. Um mundo que para mim tinha parado de girar, mas que continuava a girar para todos os outros. Um mundo onde o teu nome se tornou proibido.

Desculpa ter estado ocupada. Um dia, hei de ir contigo apanhar os limões que me pediste. Espera por mim.